

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIA — A empresa da *Brasil-Portugal*.
EDITOR — Manuel Pedro da Silva.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOZIÇÃO e IMPRESSÃO — Typ. do Anuário Commercial.

1 DE JUNHO DE 1911

N.º 297

O Rio de Janeiro moderno



Um trecho da avenida Beira Mar, proximo á avenida de Ligação

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

Morte do conde de Arnos. Algumas palavras sobre esse honrado e nobre portuguez. O homem de coração. Palatino, parlamentar e litterato. — Francisco da Fonseca Benevides. A sua morte. Um santo. Recordações. — Ainda o Congresso de Turismo. — O concurso hippico. — Os matches de foot-ball entre portuguezes e bordelezes. — A exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes.

ESTA pagina do *Brasil-Portugal* consagrada geralmente ao ligeiro e faceto commentario dos acontecimentos da quinzena, regista hoje a morte de dois homens illustres: a do conde de Arnos e a do professor Francisco da Fonseca Benevides.

O conde de Arnos! Que nobre e gentilissima figura desap-

colhimento que era a mais solemne demonstração da sua dôr e da sua lealdade até para com os mortos. Membro da camara alta, elle que não a frequentara no periodo aureo da sua vida, passou a lá apparecer unica e simplesmente para pedir justiça, para que se fizesse luz sobre o tenebroso drama do Terreiro do Paço, para que fosse vingada a memoria do seu rei e do seu amigo. E entre os clamores irritados de uns e os murmúrios subservientes de outros, elle manteve-se intemerato, inabalavel, inflexivel, reclamando sempre, sempre justiça, com uma coragem, uma altivez, uma nobreza a que se não pode negar homenagem. Era um caracter!

Artista de raça, o conde de Arnos foi um escriptor que se distinguu da turbanulta litteraria. Ha 25 annos publicou o seu primeiro livro, que Eça de Queiroz prefaciou com palavras do maior encomio, *Azulejos*, impressões da sua vida de estudante na Universidade de Coimbra. N'esse volume ha paginas encantadoras, d'uma grande despretenção, elegancia e refinado gosto. Por elle se revelou Bernardo Pindella o artista que mais tarde havia de escrever esse primoroso volume das *Jornadas pelo mundo* em que a

O IV Congresso Internacional de Turismo



O garden-party no jardim da Estrella, vendo-se entre as pessoas presentes o sr. Anselmo Braancamp Freire, presidente da Camara Municipal de Lisboa

(Phot. de A. C. Lima)

pareceu da sociedade portugueza! Que grande caracter e que grande alma! Que funda tristessa, que torturante amargura sentimos ao ver desaparecer para sempre este homem, prototypo da honra, do cavalheirismo, da fidalguia, na mais elevada acceção da palavra!

Que linda vida foi a sua! Linda, sim, pois toda ella foi consagrada aos mais nobres ideaes e ás mais puras affeições. Foi um bom e foi um justo. Espalhou, mercê da privilegiada situação de que ainda ha tres annos gosava, os maiores beneficios. Serviu, protegeu, amparou muita gente. Espalhou os thesouros da sua immensa bondade pelo prazer de fazer bem. Tinha, pois, direito a uma vida feliz, risonha, tranquillã, entre os seus, no meio da sociedade de que foi um dos mais brilhantes ornamentos. E no emtanto os ultimos annos da sua vida foram uma longa agonia, um cruciante martyrio: a morte do filho querido, o assassino dos seus melhores amigos, o Rei D. Carlos e o Principe D. Luiz Filippe, o ruir d'um throno que elle serviu com a lealdade e o cavalheirismo que poderão ser equalados mas nunca excedidos.

Quando foi do regicidio o conde de Arnos julgou terminada a sua vida publica. Renunciou a situação elevada de palatino, pediu a aposentação como official do exercito e passou a viver n'um re-

China e o Japão são descriptos com um grande colorido e vigor. De parceria com o conde de Sabugosa escreveu um livro que foi admiravelmente recebido pela critica — *De braço dado*. E mais tarde tentou com felicidade o theatro, primeiro com uma peça em um acto, *A primeira nuvem*, depois com a adaptação à scena do lindissimo conto de Eça de Queiroz, *Suaue Milagre*, de collaboração com o poeta Alberto d'Oliveira.

Grande amigo e admirador de Eça de Queiroz, ao conde de Arnos se deve a estatua do illustre romancista que é uma das obras primas do esculptor Teixeira Lopes. Esse monumento consagra, a par do genio do insigne escriptor, a devoção do amigo.

O conde de Arnos morreu com 55 annos. A sua vida foi um exemplo. Felizes os que o seguirem!

Ha vinte e sete annos fingi menos mal que estudava physica. Era ali abaixo, no velho Instituto Industrial, ás noites. O meu professor era Francisco da Fonseca Benevides. De então data o nosso conhecimento, de então datam a minha amizade, a minha ve-

neração por esse santo velhinho, que nunca teve a mais leve sombra de ressentimento pelo cábula que a má sorte lhe fez aturar.

Ha coisas que nunca esquecem. E eu nunca esquecerei uma

A sua morte magou profundamente todos os que tiveram a honra e a felicidade de o conhecer. E assim esse querido velhinho foi para o cemiterio entre lagrimas e entre flôres, deixando em cada cora-



O IV Congresso Internacional de Turismo — Os congressistas hespanhoes depondo uma corôa de flores naturaes no monumento a Luiç de Camões

bella manhã em que, estando na secretaría do Instituto, de conversa com Julio Cesar Machado. Benevides entrou, cumprimentando, sorridente e afavel, com os primores de educação que usava com toda a gente. Falou-me com quasi carinho, como eu, oh santo velhinho! não te merecia.

Julio Cesar Machado que era muito meu amigo e interessava-se por mim, perguntou a Benevides:

— Este rapaz, sabe alguma coisa?

Benevides sorriu, olhou-me e voltando-se para Julio Machado:

— Vamos andando, vamos andando, para a idade que tem, sabe talvez de mais...

E Julio Machado para mim, affectando pessimamente uma grande colera:

— Oh mariola! oh mariola!

Ha 27 annos!

Homem de sciencia, illustre entre os illustres, Francisco da Fonseca Benevides foi a creatura mais despretençiosa, mais modesta, mais terra terra que me tem sido dado conhecer. Era a personificação da simplicidade: em seus habitos, maneiras, vestuario — em tudo. Professor, elle nunca fez sentir aos alumnos a sua superioridade. Era um irmão mais velho da rapaziada, complacente, benevolo, bonacheirão, passa-culpas.

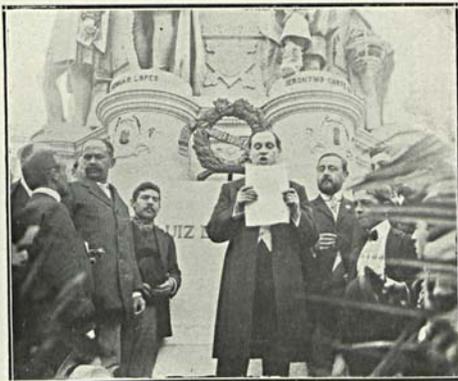
Conheceu umas poucas de gerações. Ensinou muitas creaturas intelligentes e aturou muitas alimarias — sorrindo sempre. Sorriam-lhe os olhos por traz das lentes, sorria-lhe a boca por baixo do espesso bigode, sorria toda a sua phisionomia illuminada de intelligencia e bondade. Não se calcula a complacencia d'um homem que sabia immenso, não só pela ignorancia natural dos discipulos (que muitos professores não admittem talvez para se livrarem do precalço de evidenciar a propria) como, tambem, pela filaucia que, como se sabe, é irmã gemea da estupidez. Para todos foi bom o generoso, o santo Benevides.

A sua bibliographia é vastissima. Quasi tudo livros de sciencia. Mas tambem litteratura e boa litteratura. E' muito curiosa e instructiva a sua historia do Theatro de S. Carlos e erudito e delectoso o seu volume *No tempo dos francezes*.

O que este bom e santo homem produziu! Que laboriosa e fecunda vida, a sua!

ção uma funda saudade e um culto pelas suas virtudes e pela sua immensa bondade.

Terminou o Congresso de Turismo com as annunciadas visitas a Cascaes aos Estoris, a Cintra, a Evora, a Coimbra e outros pontos,



O IV Congresso Internacional de Turismo — Junto do monumento ao grande epico portuguez — Um congressista hespanhol lendo um discurso

(Phot. de A. C. Loma)

sendo na excursão a Evora os congressistas acompanhados pelo sr. ministro do fomento.

Os nossos hspedes retiraram satisfeitißimos com a cordeal re-

cepção que lhes foi dispensada e d'essa satisfação se tem feito écco alguns jornaes da imprensa estrangeira aos quaes os congressistas communicaram as suas impressões.



Conde de Arnoso
(† a 22 de Maio de 1911)

No ultimo dia uma commissão de congressistas hespanhoes teve a gentilissima lembrança de collocar no sócco da estatua de Camões uma lindissima corôa de flôres, lendo por essa occasião o

A Sociedade Hippica portugueza viu coroados do melhor exito os seus esforços e bom trabalho organisador, e d'isso se pode desvanecer.

Outro espectáculo sportivo que muito interessou o publico, tambem, foi o *match* internacional que o semanario *Sports Illustrateds* promoveu e que teve como base de organização a visita do celebre grupo do *Stade Bordelais Université Club*.

Os *fool-balers* francezes affirmaram-se especialistas da *association*, excellentes adversarios e correctos no terreno. O que elles fizeram no ultimo *match*, que ficará para sempre memoravel, e constitue a mais bella lição de atletismo dada entre nós, demonstra á evidencia o seu grande valor. N'esse ultimo desafio os francezes venceram o *Sport Club de Lisboa* e o de *Bemfica* por 4 «goals» a 0.

Em honra dos bordolezes os nossos *sportmen* organisaram varias festas a que não faltou animação.

No dia 19 inaugurou-se a exposição annual da Sociedade Nacional de Bellas Artes, que este anno deixou bastante a desejar. Manda a verdade dizer que o que de melhor appareceu n'esse certamen artistico foram quadros já conhecidos, de anteriores exposições. Mas a sua exhibição tornou-se necessaria, afim de attenuar o mau effeito de outras telas, á que uma benevolencia excessiva

Salões, Ateliers, Interiores



A casa do conde de Arnoso — A sala dos serões

sr. Folch y Torres um discurso que foi coroado de entusiasticos applausos.

Realisou-se em Palhavã o annunciado concurso hippico internacional, que decorreu animadissimo, chamando immensa concurrencia de publico, que se vae interessando por estas provas sportivas.

por parte do jury franqueou logar immerecidamente occupado. Malhóa, Carlos Reis e Salgado triumpham, como tres soberbos artistas que são. Alves Cardoso, Ribeiro Junior, Trigo, D. Adelaide Lima, D. Margarida Costa e Garcia d'Araujo expõem obras reveladoras.

Alguns outros artistas consagrados, como o velho Gyrão, expõem bons trabalhos, mas que nada acrescentam aos triumphos até agora obtidos.



SALÕES, ATELIERS, INTERIORES — A casa do Conde de Arnoso — A sala de visitas, vendo-se ao fundo o gabinete do trabalho



SALÕES, ATELIERS, INTERIORES — A casa do conde de Arnoso — Outro aspecto da sala de visitas



SALÕES, ATELIERS, INTERIORES — A casa do conde de Arnoso — A sala de jantar;

Carta aberta a uma mulher loira

Não esperas, decerto, o madrigal calçado
D'ouro e seda, nervoso, excessivo e ardente,
Porque não podes ter, incontestavelmente,
A estranha pretensão de me ter conquistado.

Tu, que arranjaste um olhar de mulher perigosa,
Preciosíssimo ar, irritantíssimo ar,
Cravando-me no peito as garras côr de rosa,
Nem tiveste poder para me apaixonar!

Pedir-te amor, não peço, — embora reconheça
Que não o tens negado a muita gente peor...
Mas bem vês; nem o amor é coisa que se peça,
Nem eu me baixaria a mendigar amor.

Sendo tu irritante, a mais não poder ser,
Desde a bocca pintada até ao braço nû,
Eu tenho, minha filha, o exquisto poder
De ser mais irritante ainda do que tu.

No amor proprio que tens, alguma coisa falta,
Especie de bonéca, especie de rainha;
Porque a tua vaidade, apesar de ser alta,
Tem muito que subir, para alcançar a minha!

JULIO DANTAS.

Os seculos

O primeiro seculo da era christá (1-100) foi chamado — *da redempção*; o segundo (101-200) — *dos santos*; o terceiro (201-300)

— *dos Martyrios*; o quarto (301-400) — *dos padres da igreja*; o quinto (401-500) — *dos barbaros do norte*; o sexto (501-600) — *da jurisprudencia*; o setimo (601-700) — *do mahometanismo*; o oitavo (701-800) — *dos serracenos*; o nono (801-900) — *dos normandos*; o decimo (901-1000) — *da ignorancia*; o undecimo

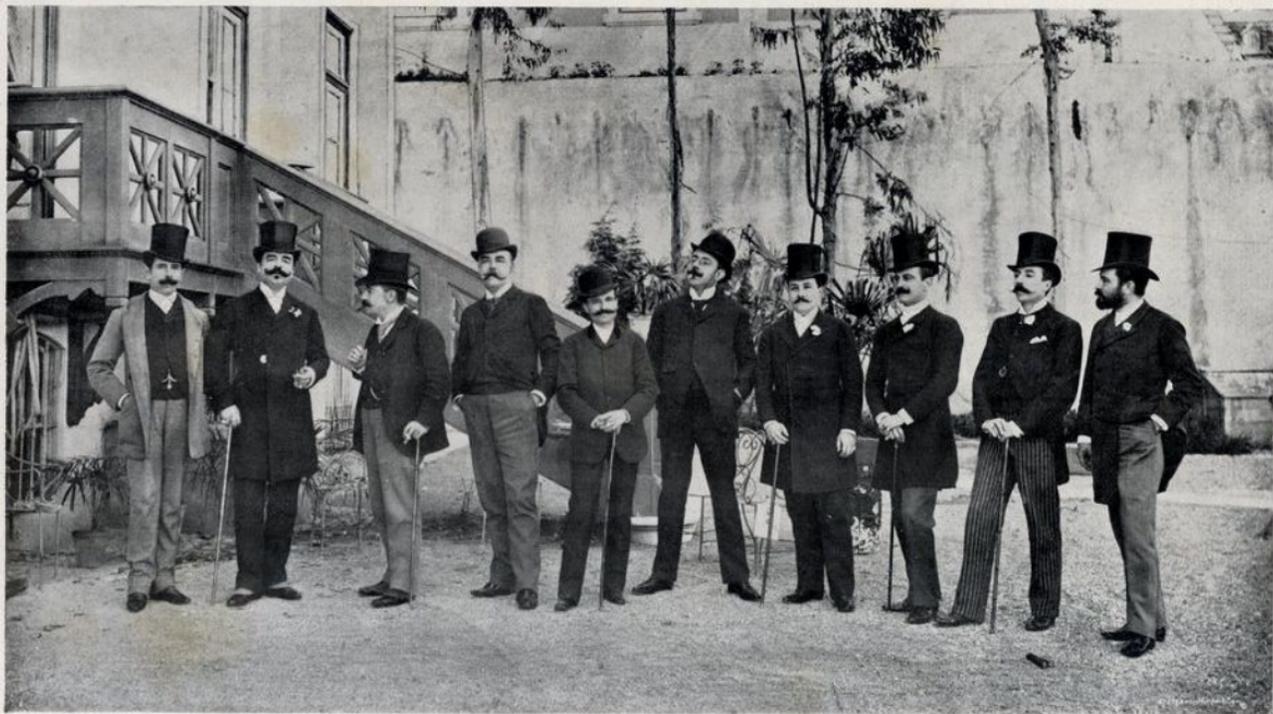


Francisco da Fonseca Benevides

(? a 19 de Maio de 1911)

(1101-1200) — *das ordens religiosas*; o decimo terceiro (1201-1300) — *dos turcos*; o decimo quarto (1301-1400) — *da artilharia*; o decimo quinto (1401-1500) — *das innovações*; o decimo sexto (1501-1600) — *das bellas letras*; o decimo setimo (1601-1700) — *da marinha e do genio*; o decimo oitavo (1701-1800) — *do departamento dos povos*; o decimo nono (1801-1900) — *das luzes*.

Os Vencidos da Vida



Conde de Sabugosa

Luiz Soveral

Dr. Carlos Mayer

Conde de Ficalho

Guerra Junqueiro

Ramalho Ortigão

Carlos Lobo d'Avila

Conde de Arnoso

Eça de Queiroz

Oliveira Martins

MÃE!

BELLA cabra, a Russa! — posso dizel-o aos senhores. A melhor da manada, luzida, de pello macio, sem saliencias de ossos como as outras, altiva de porte quando á frente do rebanho parecia com-mandal-o, badalando o seu chocalho enorme — tião! tião! Era no rebanho a que mais dava que fazer ao pastor, requerendo vigilancias particulares no seu atrevimento, pois que se a deixassem livre não havia arvore a que não trepasse, oliveira especialmente, nem rebento novo que não triturasse, esfomeada, no seu dente acerado de roedora.

E depois, ali onde a viam, estava cara só pelas coimas, que muitas vezes illudira ella a attenção do pastor, e se ficara por hortas e quintalorios, causando estragos que os louvados depois avaliavam caro. Por isso Alipio José, pastor, a quem doiam as denuncias, ao pescoço da Russa prendera o chocalhão, para dar do atrevido animal mais facil rumor, pois era de timbre muito distincto dos demais, e muito mais grave.

Em pastagens pelos montados, a Russa era de uma audacia extrema. Fazia gosto vel-a trepar ás ultimas cumiadas, subir destemidamente ás arestas superiores dos rochedos, muito serena, erecta nas suas pernas delgadas, pescoço alto, ajoelhando destemida a retouçar as hervas dos declives alcantilados e escorregadios, não medindo perigos nem se importando com abysmos, enquanto as companheiras se ficavam pelas encostas e coregos, saboreando as giestas, sem se atreverem a seguil-a nas suas excursões arriscadas de *touriste*.



Concurso hippico internacional
Jayme Roque do Pinho (Alto Mearim)

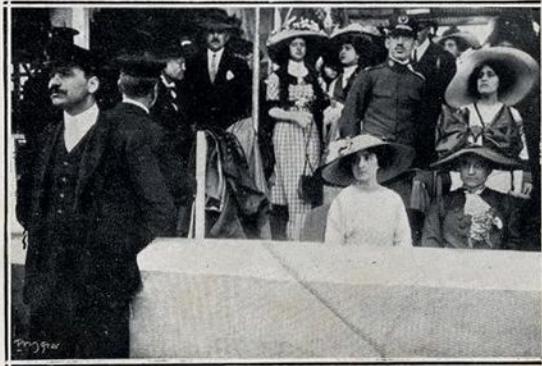
Se a miravam de baixo, sentia-se orgulhosa de superiores audacias, e então cabriolava em saltos funambulescos, de rochedo em rochedo ou de garganta em garganta, pouco se lhe dando de perigos. Cobra que encontrasse por essas paragens, era para ella um desespero — tamanha a furia com que a perseguia, e a insistentia com que se ficava ás marradas na lura onde se lhe acoitava. O chocalho então badalava com força, e o Alipio que dormia á sombra das azinheiras, de chapéu sobre a cara, levantava-se sobre um cotovello e intimava para o alto, com o seu vozeirão que fazia echo:

— Toma tento, Russa!

E depois, de ventre para baixo, estirado sobre a manta, cotovellos fncados no chão, os queixos entre as mãos espalmadas,

Alipio José ficava-se a olhar a cabra, invejoso d'aquella facilidade em subir aos ultimos pinaculos, admirado dos saltos que ella fazia para salvar gargantas pedregosas e perpendiculares, onde, se caisse, a morte seria infallivel. E por lá andava dias inteiros a Russa n'aquella vagabundagem por sitios inacessiveis ao resto do rebanho, resguardando-se da chuva em reconcavos de rocha, onde as aguias faziam ninho.

Concurso hippico internacional



Uma parte da assistencia. — No 1.º plano: D. Maria dos Santos Silva e D. Maria Roque do Pinho
No 2.º plano: D. Maria Mascarenhas Menezes, D. Amelia Mello, D. Emma Ferreira d'Almeida e João Terenas

Foi n'um d'esses sitios que a Russa teve o primeiro filho, e por lá se deixou ficar, acho que dormindo, ou toda a noite velando. Ao outro dia quiz ella descer, e vir para o rebanho que a aguardava. Mais de cem vezes, fitando o topo da ladeira, Alipio José, gritára cá de baixo, cada vez mais desesperado:

— Volta ao rebanho, Russa!

E, cuidando que mais lhe feria assim a attenção, punha-se a agitar com furia o môlho dos chocalhos, gritando sem cessar:

— Russa! torna ao rebanho, Russa!

Mas impossivel! que a não deixava a quebreira em que toda ella ficara do parto, nem o pequeno poderia — pobresinho! — descer por taes ladeiras, de pedregosas e asperas que eram.

Mas de noite o frio era intenso n'aquellas alturas, e o pequeno congelava unindo-se á mãe que o bafejava para o aquecer, e a si o aconchegava mais e mais para lhe transmitir o natural calor do seu corpo enfraquecido e doente.

Por altas horas da noite, na solidão lugubre de aquelle sitio, alcantilado e ingreme, entre penedias escarpadas onde o vento sibilava lugubrememente, n'um como choro dolente e prolongado, o balido da mãe, traduzindo angustias e desesperos intimos, respondia ao vagido fraco do filhito, cuja vida parecia ir-se apagando



Concurso hippico internacional. — O sr. Jayme Roque do Pinho (Alto Mearim) montado na egua «Clematite» que obteve o primeiro premio do Grande Premio de Lisboa (Phot. de A. C. Lima)

de hora a hora e instante a instante, inteiriçando-se-lhe com o frio os membros delicados e tenros.

Eram assim as noitadas dos desgraçados. Por taes frios e doenças, impossível dormir. Toda a noite velavam e gemiam, achegando-se mais e mais n'um como abraço de eterna despedida — amigos que se iam apartar para uma longa viagem de trevas, com o coração alanceado pela saudade, soluçando e gemendo, n'um adeus! que era infinito, como o infinito amor que os unia...

E a cada momento, como um dobre de finados, o chocalho badalava lugubrememente, assustando o animalsinho, como se aquelle fóra o signal para o transe derradeiro.

Para maior desgraça, as noites eram sem lua. Encravadas na abobada, as estrellas bocejavam dormentes, n'uma criminoso indiferença por aquella dôr suprema de que eram as unicas testemunhas.

E balando muito, e balando sempre, a pobre cabra imprecava ao céo a vida do filho, ao menos, — ora supplice em balidos de resignação que uma profundissima dôr ungia, ora desvairada e louca, em gritos que significavam blasphemias, blasphemias de desespero contra o céo que a não ouvia, e contra a morte que bem sentia approximar-se para lhe estrangular o filhinho que ella amava tanto.

E a fazer-lhe mais incruenta a sua enorme dôr — a ironia acerba da chocalhada longinqua das companheiras, que se iam pelos montes da outra banda, deixando-a a ella sózinha com o filho, á espera da morte que era inevitavel.

Então ergueu-se por instantes! Agitou convulsamente o pescoço, e pelo ar fóra o som triste do chocalho espriou-se lentamente, n'um adeus! adeus! de despedida ás companheiras felizes que lá iam, n'um ruído longinquo de chocalhos...

N'aquella solidão os dias eram melhores. Com os primeiros raios do sol entravam de reanimar-se os dois; pouco a pouco os membros desentorpeciam e o sangue circulava.

E o cabritinho sem poder ainda descer!...

De pé, ao lado do filho, a pobre cabra lançava olhos compungidos para as escarpas da ladeira, ia para um lado e outro,



Concurso hippico internacional. — A menina Maria do Carmo Reis que obteve o premio na corrida de amazonas

desvairada e tremula, como que a escolher o melhor caminho por onde levasse o filho. Mas eram todos horriveis! Silvedos e rocha viva era o que mais se via. E depois o rio, lá baixo, rugia nas cachoeiras, augmentando-lhe o receio.

Impossivel! impossivel!

E sentia-se enfraquecer á mingua de sustento, pois a herva, por ali, estava comida e recomida pela pastagem miseravel de tres dias.

N'um momento de desespero, quando os gemidos do filho eram mais dolentes e crebros, refez-se de coragem a cabra, e segu-



Concurso hippico internacional. — O sr. João Moraes (filho) que obteve o primeiro premio dos discipulos, e o tenente Silveira Ramos no cavallo «Scott» que obteve o 2.º premio do Grande Premio de Lisboa

rando entre os dentes o chibo tentou o primeiro passo, arrastando-o pela ladeira, do lado em que o declive era menor. Mas em breve desanimou a pobre, que o filhito, assim arrastado, mais e mais gemia, convulsionado e tremulo...

Impossivel! impossivel!

Nada ha que signifique a dôr d'aquella mãe, e traduzir possa em linguagem toda a gamma de sentimentos e emoções no seu balar expressos. Atirou-se de joelhos sobre o corpinho do filho que hirto chorava e tremia, estendido para ali, na prostração pesada do ultimo desalento; animava-o com caricias, approximava-lhe da bocca os uberes já flaccidos e amolentados, convidando-o a mamar, como se aquelle leite podesse levar ao filho a coragem que a ella propria faltava em tamanho transe afflictivo...

Mas pouco a pouco a noite ia caindo. Tinha-se já apagado a ultima cambiante do poente, e sobre as gargantas dos montes passavam subtilmente as primeiras nevoas, alvadias e tenues. A medida que a treva se condensava, decresciam os ruidos em todo o horizonte, accentuando-se cada vez mais a melopéa somnolenta do rio nos açudes. Perpassavam pelo ar as aves para os ninhos. Bandos de pombas, como flocos volateis de arminho, cortavam em vôos mansos a profundidade calma do céo, demandando os pombaes e os povoados, onde se acolhessem da noite que vinha caindo. Revoadas de perdizes e de tordos passavam por ali alegremente, n'um chilrear sonoro, caindo de chofre sobre o monte, a esconderem-se nos esteves e nas urzes. Pelas hervagens seccas rastejavam apressados os reptis, e sob os tojaes bravios a lebre buscava a cama...

... E tudo tinha ninho — pombas que voavam e perdizada sonora, quem passava no ar e quem rastejava no monte, lagartos, sardões, cobras, toda a colonia vagabunda de reptis e de aves, que passou alegremente o seu dia, e se ia recolher agora para recomoçar o dia amanhã...

Só a desgraçada cabra, ali, junto do filho tenro, não mais fizera passo. Com as brumas da noite, as brumas da tristeza para o seu coração alanceado de mãe. Ahi vinha o frio inclemente flagelar-lhe o filho... o filho que já tremia a ella aconchegado — o triste pobresinho!

Rompia de toda a banda o gri-gri sonoro dos grilos vivo e cantante n'aquelle silencio que se definia. Cerrou de todo a noite. O céo era baixo e torvo de nuvens. Estrellejava a espaços a abobada, irradiando uma luz morticia e alvadia, que levava a pensar em ultimos transe de creanças, em que a vida gradualmente se extinguisse, n'um latejar vagaroso de palpebras somnolentas...

Mais algida fazia a noite, e mais pesada de melancolias, essa

torva apparencia da atmosphaera e do céo. Noite peor do que as outras, porém com menos balidos, pois que mãe e filho estavam extenuados de forças e nem gemer podiam. E a morte que não vinha arrancal-os do abraço em que se uniram, mal cerrara a noite!

A pequena distancia, o monte era cortado de profundissima garganta em rocha viva. Do lado opposto, e quasi defronte dos moribundos, accenderam-se na treva dois pontos phosphorescentes, de uma claridade esverdeada e rutila. E, immoveis, esses dois olhos estoirados de lobo, a que parecia terem arrancado as palpebras, projectavam a sua luz sinistra na direcção do grupo que velava. A natureza inteira retraía-se n'um como pavor medonho, concentrado de intimos terrores e silencias lobregos d'horas altas. Cerrava-se mais no céo a phalange muda das nuvens, densifican-

a pouco o azul ia desmaiando, diluindo-se na luz esbranquiçada que vinha do alto em gradações imperceptíveis e suaves.

Começavam de animar-se os longes da paizagem, e a retina accusava já as differenças mais salientes dos campos e herdades, pedaços esbranquiçados de restolhos, tons pardos de oliveas, terras plantadas de vinhedo, e pinheirões cerrados galgando desfiladeiros e investindo com o céo no alto dos montados.

Pelas ladeiras d'além, caminhos e atalhos corriam em torcicolos até ao areal da margem. Em turbilhões de espuma alvissima precipitava-se a agua nos açudes, marulhando nos altos penedos marginaes, denegridos e informes, de uma mudez contemplativa e perpetua. Do tecto do moinho, lá em baixo, uma columna azulada de fumo elevava-se tranquillamente no ar sereno e doce, até se



Concurso hippico internacional

Os vencedores do Grande Premio de Lisboa, ven-do-se á frente do sr. Jayme Roque do Pinho (Alto Mearim), a seguir o tenente Silveira Ramos e ao lado, a pé, o sr. Xavier de Almeida, director da Sociedade Hippica Portuguesa

(Phot. de A. C. Lima)

do-se em tintas negras, impenetráveis e caliginosas, sem scintillas de estrellas, por fugidias e tenues que fossem.

E sempre, e constantemente immoveis na escuridão pesada, aquelles dois olhos flammejavam, de instante a instante mais vizes, perscrutando a treva na direcção mais exacta do grupo. Transida de susto, arquejando convulsamente no ultimo paroxismo da sua enorme dor, a pobre mãe não ousava arriscar um unico movimento e mais e mais cerrava contra si o corpo inanimado do filhito que parecia adormecido.

Assim durante horas que aquelle atrozissimo supplicio fez enormes, quasi eternas, tumultuosas de acerbos soffrimentos e de indiziveis angustias, vasias de esperança na vida do seu pequenino filho.

De repente, aquelles dois pontos brilhantes apagaram-se na treva, e de novo os viu brilhar a cabra, mas já a maior distancia. Estremeceu a pobre de subita alegria, — e no abalo que soffreu o seu corpo, até então retraido, o chocalho badalou. Voltou a correr o lobo, e então a desgraçada viu errarem na treva, como dois grandes coleoptéros de azas phosphorescentes, os olhos até então immoveis do inimigo. E por ali levou a noite toda, farejando e uivando, até que cançado de perscrutar o insondavel, se foi la-deira abaixo, aos primeiros assomos da madrugada que vinha, docemente alumando pincaros e arestas.

Ao romper d'alva o céo era azul. Apenas de longe em longe pennachos de nuvens brancas ondulavam as suas cristas alvadias, que se esfarpavam lentamente ao menor sopro da aragem. Pouco

desfazer no espaço amplo e benigno, como uma ambição ou como um sonho...

Foi então que Alípio José á frente do rebanho, de novo abordou aquellas paragens, no intuito de procurar a cabra tresmalhada.

— Russa! torna ao rebanho, Russa!

Mas precisamente a essa hora, a Russa exhalava o ultimo alento, pendida sobre o cadaver do pobre filhinho, morta!...

E ao pino do meio dia, quando o sol favejava causticando nos rochedos — passava na direcção da montanha, crocitando lugubremmente, a esfaimada legião dos amaldiçoados corvos...

TRINDADE COELHO.

Sentindo approximar a sua hora derradeira, um velho turco disse a sua mulher:

— Põe o teu mais bello vestido, as tuas mais bellas pedrarias e as tuas joias mais valiosas...

— Para que, meu amigo?

— Porque vendo-te assim tão bella, talvez a morte prefira levar-te em meu logar!

Exposição da Sociedade Nacional de Bellas-Artes

CHINA

As noites de Pekim



Mademoiselle Santos Silva

(Quadro de Carlos Reis)

Rosa de Ouro

A cerimonia assim chamada, foi instituida por Leão IX. Todos os annos, no 4.º domingo da quaresma, o Summo Pontifice abençoa uma rosa de ouro, muitas vezes cravada de pedras preciosas, e faz presente d'esta a um Soberano, a uma pessoa distincta, a uma cidade ou a uma igreja.

A princeza Isabel, a Redemptora, recebeu esta distincção do Papa Leão XIII, por ter promulgado a lei que extinguiu a escravidão no Brasil.

Ignez e Catharina

Duas mulheres chegam-se, medrosas,
Para perto da Estatua, cuja fronte
A Manhã que desperta no horizonte
Enche de claridades jubilosas.

Vestem ambas as roupas gloriosas,
Cujos fios de luz não ha quem conte.
Mas quem são essas fórmas vaporosas,
Como as nevoas que descem sobre o monte?

Uma traz as hervinhas, com as flôres
Que ella colheu na Fonte dos Amores
A quem depois de morta a fez Rainha;

A outra que era a Vida, era o Desejo,
Que enchia a grande alma que Elle tinha,—
Noiva da sua Gloria,— traz-lhe um beijo.

JOAQUIM NABUCO.



Exposição da Sociedade Nacional de Bellas-Artes

Uma lição antes da festa

(Quadro de Alves Cardoso)

NOTAS DE "SPORT"

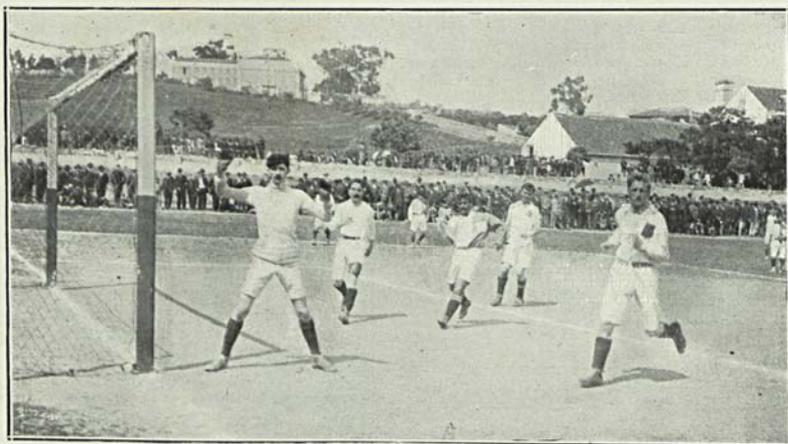
Um grande desafio de "foot-ball" entre os jogadores de Bordeus e os de Lisboa



O grupo dos jogadores portugueses

com os seus nomes escritos em grossos caracteres chinas, enquanto que um secretario se faz alumiar por um simples balão de vulgares dimensões. No silencio da noite ouvem-se barulhos estra-

propriedades que fazem a ronda, batendo com um pequeno pau n'um pedaço de bambú, para que os ladrões saibam que estão constantemente velando. E dominando todos o *cri-cri* arripiante de



Um grande desafio de "foot-ball" entre os jogadores de Bordeus e os de Lisboa

Uma das phases do jogo

nhos produzidos pela confusão dos gritos dos pregões distantes, dos latidos dos cães, do estalar das bombas no pateo das casas e continuamente o monotonico e ensurdecedor *lac-tac* dos guardas das

uma maldita cigarra d'um verde intenso, que ininterruptamente nos atormenta. Este bicharoco com os olhos negros e redondos como contas, uma comprida trompa, as azas transparentes e duas pe-

Familia Real Hespanhola

quenas membranas entre o thorax e o abdomen, — instrumento do nosso supplicio — tem uma historia curiosa como todas as coisas d'este estranho paiz. O imperador Kin-Lung, viajando um dia no norte da China, ficou por tal forma maravilhado com a deliciosa musica d'este insecto que ordenou que os apanhassem aos milhares e os espalhassem em Pekim para que elle, do seu palacio, pudesse, durante o verão, delectar-se com tão suave musica. A ordem foi tão bem cumprida, que ainda hoje, volvidos mais de cem annos, esse animal é o desespero dos infelizes que, como nós, não temos o ouvido do grande imperador. O nobre chefe da policia quando de noite sae á rua vae sempre precedido por um guarda que, de instante a instante, faz vibrar fortemente um *tan-tan* annunciando assim aos malfeteiros que s. ex.^a vae passar! Ao ouvirem este salutar aviso, os malandros e mendigos, que dormem nús pelas ruas com a cabeça encostada á miseravel trouxa de roupa que despiram, levantam-se estremunhados, escondendo-se nos recantos mais escuros. Quantas vezes não temos visto, aqui mesmo na rua das Legações, esses desgraçados dormindo assim estiraçados ao longo dos degraus das portas das casas alpendradas, ao lado de cães vadios! Se a noite está escura torna-se necessario caminhar com cuidado para os não pisar; e se a lua, brilhando no céu de torquezas, rasga com uma facha de luz as sombras da noite, então é forçoso desviar a vista, tão repugnante é o espectáculo d'esses desamparados da fortuna. Ainda não nos cruzámos de noite com um china que não caminhasse cantarolando baixo e em falso, como se tivesse uma surdina na voz, interrompendo-se apenas para nos lançar a nós — diabos, barbaros, vagabundos — que vamos passando, as mais grosseiras injurias e os mais ferozes epithetos que é forçoso fingir não comprehender. As noites são a uma melancolia rara; ainda a unica nota alegre que de longe a longe



Suas Magestades El-Rei D. Affonso XIII, cujo anniversario passou a 17 de Maio, e a Rainha D. Victoria

resda pela amplidão é o forte zurrar de algum burro acordando estremunhado nas estrebarias da cidade! Em Pekim os burros, quasi todos claros, nada tem que invejar aos burros da nossa Cintra, ou mesmo aos seus camaradas do Egypto. Orgulhosos com os chinas que carregam, passam soberbos de orelha arrebitada, fazendo tilintar alegremente os guisos da colleira. Barattissimos, paga-se aqui o luxo d'um excellent burro por quatro ou cinco dollars. Os ponneys mongos tambem não são caros: com vinte e cinco ou trinta dollars compra-se já um cavallo capaz de partir ao galope por essas campinas fóra. Os fogosos cavallos de Ta-Wan, tão celebrados pelos antigos escriptores chinas, é que ainda não pudemos lobrigar. Mulas e machos são realmente bellissimos, mas tambem attingem preços inacreditaveis á força de extraordinarios não sendo raro chegar-se a vender um d'estes animaes por tres mil e mais *taéis*!

Vem agora a proposito dar uma ideia, tão exacta quanto possível, da carreta china, que no fim de contas não é mais do que a casota de um cão assente sobre duas grandes rodas. A unica differença está na cobertura, que, em lugar de ser formada por dois planos inclinados, como de ordinario acontece ás casotas a que nos referimos, é curva. Nas faces lateraes duas pequenas aberturas, á guiza de janellas, são guarnecidas de redes pretas de malhas e extremamente apertadas. As rodas são cravejadas de pregos de bronze de cabeça trabalhada, e os fortes cubos tem pelo menos a espessura de trinta a trinta e cinco centimetros; o fundo assenta sobre o eixo sem nenhuma especie de molas. Estreitas, mal se cabendo dentro d'ellas, são forradas interiormente de seda e por fóra de panninho azul que, quando chove, se cobre com oleados. A unica abertura que tem e por onde se entra é na frente. Uma cortina caída esconde quasi sempre aos olhos dos mortaes a divindade que dentro vae de pernas cruzadas. Um toldo estreito, de panno azul, preso á borda do tijaílho, abriga o macho dos ardores do sol, atado pela outra extremidade ás pontas de dois finos bambús que partem dos varaes e para a frente com uma pequena inclinação, até um palmo acima da animal. O *mfú* guia o macho do lado esquerdo incommodado, sentado de esguelha na nascença dos varaes. Com excepção das carréts do palacio, que são



Dr. Amadeu Ferreira d'Almeida

Com muito prazer inserimos n'esta pagina o retrato do distincto diplomata, Ferreira de Almeida de Carvalho, 2.^o secretario da Legação de Portugal em Londres.

O nosso conterraneo, que na melhor sociedade portugueza conta grandes sympathias, e que não é um desconhecido no meio jornalístico, realisou ha dias, no «*Rambles Club*», n'aquella cidade, uma conferencia, interessante sob todos os pontos de vista, tendo por thema *Camões e a sua obra*.

O conferente, que fala fluentemente a lingua ingleza, foi muito applaudido pela assistencia escolhida, em que se contava o ministro portuguez; pessoal da legação, diplomatas estrangeiros e membros da aristocracia ingleza, socios do *Club*.

Muito vivamente felicitamos o dr. Ferreira de Almeida pelo servico que prestou ao nosso paiz.

pinçadas de amarelo vivo, as outras são de ordinário apenas envernizadas na cor da madeira. Tregar a uma machina d'estas é a mais complicada das operações, apezar do banco que vae preso junto ao eixo e que o *mafú* põe no chão para facilitar a subida. E' fóra de duvida que o mais elegante meio de condução é a cadeirinha; entretanto mesmo os mandarins de boião de coral utilisam a carreta para as grandes distancias, usando sempre d'ellas durante a época das chuvas. A carreta tem a vantagem de seguir o seu caminho mesmo quando a agua chega até aos cubos das rodas, o que é vulgar. Outro tanto não acontece com a cadeirinha, que vae apenas distante do chão pouco mais de um palmo. Algumas carretas tem ao fundo um pequeno banco, mas essas são ainda

apparatosas porcelanas com que todos se servem, e que dá a medida d'um acieo que não existe. Vêr comer um china, por exemplo, mesmo um homem ordinario, com os dois finos paus mal seguros nas pontas dos dedos, é d'uma tal galantaria que chega a encantar! Muito amigos de rapé, a caixa em que o usam de forma de pequeninos frascos, achatados, de porcelana *elvisonné* ou bronze cinzelado, são lindissimas joias do mais fino gosto artistico. Cada rôlha tem no prolongamento, para dentro do frasco, uma pequena colher de marfim com que depositam sobre a unha do dedo pollegar da mão esquerda a pitada que servem com uma delicadeza infinita, o que não impede de se divertirem a fazer com o nojento papel, a que acabam de se assoar, *cocottes* e outros animalejos de

Bellas-Artes



Christovam Colombo, largando do porto de Palos em 3 de Agosto de 1492

(Quadro do pintor hespanhol D. Joaquim Sorolla y Bastida)

mais incommodas. São terríveis os solavancos que se soffrem. Sempre que nos vemos forçados a entrar n'uma carreta, damos graças aos ceus por chegarmos a casa sem as costellas partidas. E seja dito que, apezar de sabermos que as proprias senhoras estrangeiras vão n'ellas aos bailes e aos jantares, ainda nos não podemos habituar a vêrmo-nos vestidos de ponto em branco dentro de semelhantes vehiculos. A nossa casaca de Pool e os nossos escarpins de Binnett protestam a cada tombo. E é então que nos dá realmente vontade de rapar a cabeça e deixar crescer o rabicho para poder enfiar uma cabia chinesa!

Quanto mais tempo passamos em Pekim mais nos ferem as anomalias d'este extranho povo. Já falámos das frontieras das lojas delicadamente trabalhadas, como o mais rendilhado cofre digno de guardar os recatados segredos do coração de uma mulher formosa, olhando para ruas mais porcas que sentinas; da polidez graciosa que ainda os mais humildes affectam nas suas relações, o que os não impede de armar a cada passo brigas terríveis; das

idêntico gosto. O luxo das sedas, dos veludos, dos bordados caros e das inestimáveis pellicas com que os grandes mandarins, as suas mulheres e as suas filhas se vestem, reflecte-se tambem no povo, que basta não ser um culi ou um mendigo, para trazer sempre a simples cabaia d'um acieo irreprehensivel; e contudo o china tem a mais decidida aversão á agua, banhando-se rarrissimas vezes, senão nunca! Calçados em sapatos de grossas solas de papel ou feltro, forrados de panno branco, dão-se um trabalho infinito para atravessar incolumes as ruas mais nojentas que o mais abandonado cerrado de porcos. E são elles proprios que, sem mesmo se darem ao incommodo de se voltar contra os muros, se não pejam de fazer de cada logar uma sentina! Não ha casa por mais pobre e mais immunda, onde se não decubra lá dentro, em qualquer canto, um vaso com uma planta florida. O culto da litteratura e dos classicos é tal que na grande rua em frente da porta de Hai-Te-Men se vêem todos os dias sentados em tocos bancos de madeira, ao abrigo d'um toldo esfarrapado, chinas andrajosos das ultimas clas-

ses que, a troco d'uma sapeca, escutam attentos um homem que, de pé e de côr, repete um conto ou uma novella d'um auctor estimado. E é esse mesmo publico que fica parado e boquiaberto deante d'um reles saltimbanco, que durante horas inteiras, ao som d'uma musica disparatada, faz exercicios de agilidade com uma lança de ferro, limitando-se, com grande espalhato de movimentos, a atiral-a successivamente ao ar, aparando-a em seguida. Os adivinhos com a cara pintada a vermelhão, fazem tambem fortuna prognosticando a sina de cada um.

Emfim deixemos aos espiritos pensadores a philosophia que pertencera se possa tirar de tanta contradição.

BERNARDO PINHEIRO (PINDELLA).

Conde de Arnoso

Assumptos de Marinha



Casa fluvial chineza (Macau)

É um barco usado em passeios e festas nos rios da China e em Macau.

Estes barcos como se vê, parecem grandes gaiolas fluctuantes. Na tolda trazem in numerozinhos vasos com flores odoríferas, entre caixas com arbustos de folhas verdes e d'outras cores, disposto tudo com muito gosto. À noite acendem as lanternas orientaes de vidros coradas, que ornamentam os barcos, dando-lhes um aspecto phantastico.

Só os chins podem entrar a bordo, sendo a admissão intrinsecamente vedada aos europeus.

Dentro do barco, cantam, folgam e tocam nos seus exquisitos instrumentos, cujos modelos se podem vêr no Museu de Lisboa.

A fantasia asiatica é prodiga em barcos, porque, alem d'estes, ha os barcos dragões, os barcos serpentes, os barcos de mandarim, que são de um luxo e de uma riqueza extraordinarios, alliados a uma extravagancia impressionante.

Influencia das côres

DIZEM, e a pedagogia confirma, que é pelo trabalho lento e prolongado da educação que se desenvolvem os bons instintos e se atrophiam os maus, que se refreiam as paixões, que se amenisa o genio, que se fôrma o caracter, que se educa a vontade.

«Educar a vontade — diz Valentim Magalhães, com a auctoridade de mestre, nas suas *Lições de Pedagogia* — é talvez mais necessario ainda que educar a intelligencia, porque esta sem aquella é como uma espada de aço fino na mão de um cadaver, ou um cofre repleto de gemmas preciosas... enterrado no solo ou no fundo do mar.» Para isso recommenda o illustre psychologo «a leitura sadia, retemperante, tonica, salutarissima da celebre obra de Samuel Smiles — O poder da vontade.»

Entretanto, o dr. Vigenaud, no *Journal de la Santé*, manda recorrer ao primeiro vidraceiro.

Tendes uma esposa geniosa que vos consome a existencia com o seu querer impertinente, ou uma sogra rabujenta que vos atormenta dia e noite com a sua vontade desordenada? Chamae o vidraceiro, diz elle, e fazei substituir todos os vidros incolores de vossa casa por outros fortemente coloridos.

Tudo se transformará de um facto; ellas se tornarão timidias como cordeiros, macias como uma luva; então, vos será facil e

rapido modificar-lhes o caracter, abrandar-lhes o genio, educar-lhes a vontade. A questão é saber escolher as côres para os vidros, e recommendal-os intenos ao vidraceiro.

É ao dr. Douza que se deve essa descoberta, diz Vigenaud, Ouçamol-o:

«Em um quarto pintado de vermelho e de vidraças vermelhas mandei recolher um lypemaniaco que ha muito tempo apresentava aspecto melancolico e taciturno, recusando alimentar-se. Tres horas depois da sua installação no quarto vermelho visitei-o e, com grande surpresa, encontrei-o satisfeito, sorrindo-se á minha chegada, e pedindo-me que lhe desse alguma coisa para comer.

«Um outro lypemaniaco que freneticamente durante todo o dia tapava a bôca com as duas mãos para impedir a introdução do ar que elle dizia estar envenenado, foi tambem recolhido ao quarto vermelho. No dia seguinte levantou-se cedo e pediu logo o almoço, que rapidamente devorou. No fim de poucos dias voltou para casa, curado.

Um maniaco, muito agitado, mantido em camisolla de força, sendo collocado em um quarto de vidros azues, em menos de uma hora tornou-se calmo.

Um outro alienado foi recolhido a um quarto de vidros violetas; no dia seguinte elle pedia para voltar para casa, no uso completo da razão.

É para lastimar, acrescenta Vigenaud, que experiencias tão interessantes não tenham sido continuadas, tanto mais quando observações feitas em outros logares tem confirmado a realidade da acção da luz colorida.

Assim, em Igon, n'uma fabrica em alta escala de placas photographicas instantaneas, todo o trabalho se realiza em uma sala illuminada por chammas verdes. Outr'ora a luz era vermelha e os operarios viviam super-excitados; cantavam, gesticulavam, faziam frequentemente a côrte ás operarias... Depois, sob a acção da luz verde, elles se tornaram calmos e hoje fatigam-se menos.

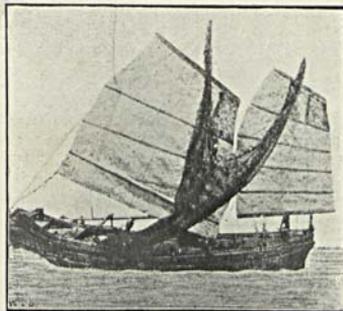
O dr. Balfégeau, que relata esses factos na *Revue de l'hypnotisme* experimentou elle proprio o effeito excitante da camara vermelha e o effeito sedativo ou calmante da camara azul ou violeta.

Em summa, sabe-se desde muito tempo que as côres luminosas, brilhantes, eram as preferidas pelos selvagens e povos guerreiros. Na America, largo inquerito demonstrou que os homens são mais alleiçados ás côres sombrias, como o azul e a violeta; enquanto que as mulheres ao vermelho e ao amarello.

A purpura era outr'ora o apañagio dos reis, dos chefes de Estado ou do exercito.

Os animaes são excitados pelo vermelho: o touro e o peru são particularmente sensiveis a essa côr.

Os asiaticos gostam das côres vivas; os europeus preferem as



Assumptos de marinha — Lorcha chineza (Macau)

Destinam-se estes barcos especialmente á pesca. Tambem servem, porém, para transpôrtes. As lorchas tem em geral no mastro grande um catavento representando um peixe de comprida cauda, e no mastro da mezena igualmente compridas flandulas. Vê-se tambem pintado, na prôa de algumas d'estas embarcações um grande olho. Em Portugal e principalmente nos caldes do Algarve, pintam tambem um symbolo semelhante: um olho humano. Crêmos que deve esse symbolo ter sido importado da China pelos navegadores portuguezes. A proposito citaremos uma passagem que vem em uma obra sobre a China, do escriptor allemão von Haase-Wartegg. Diz assim: «Perguntado a um marinheiro chinês, o porque de tão curioso ornamento, respondeu-me elle na lingua mista chino-europea *faizão a bordo dos juncos, com as seguintes palavras do seu pidgen english: 'suo gôl eye, no cam see; no cam see no cam gôl isto é: sem olhos não vejo; não sendo não saio.'*

côres mortas. Sabe-se que o genio immortal de Goethe, entre produções dramaticas e inspirações poeticas, distinguio-se sobremaneira por seu espirito eminentemente escutador dos mysterios do Universo. Pois bem. «Para attingir a perfeição na arte do colorido — diz Goethe, no seu *Tratado especial* — o artista deve considerar os effeitos moraes das côres, seus effeitos physiologicos, sua natureza technica, além da influencia que sobre ellas exercem as circumstancias exteriores. As côres actuam sobre a alma: podem excitar sensações, despertar emoções ou idéas que nos acalmem ou nos agitem, provocando-nos a tristeza ou a alegria.»

Tudo isso é sem dúvida instinctivo e resulta de uma impressão, de uma acção especial devida a cada côr. Que partido se poderá tirar d'essas observações, mesmo fóra de alienação men-

O ultimo nomeado foi o padre José Custodio Dias, por Minas Geraes (7 de agosto de 1837).

O regente Diogo Antonio Feijó nomeou primeiramente o padre Antonio da Cunha Vasconcellos, pela Parahyba (28 de dezembro de 1835) e por ultimo o marquez de Olinda, por Pernambuco (5 de setembro de 1837).

O regente Araujo Lima escolheu em primeiro lugar Antonio Francisco de Paula e Alexandre Cavalcanti de Albuquerque, visconde de Albuquerque (7 de fevereiro de 1838) e por ultimo o marquez de Abrantes, pelo Ceará, (20 de julho de 1840).

O 2.º Imperador nomeou em primeiro lugar Manoel do Nascimento Castro e Filho, pelo Ceará (17 de abril de 1841) e por ultimo Antonio Pinto Nogueira, pelo Ceará, 1888).

Covilhã



Uma vista da cidade

tal? A's pessoas incitaveis, violentas, questionadoras, se poderia aconselhar o uso de lunetas azues ou violetas; ás pacatas, ás concentradas, ás fatigadas pelos dissabores e luctas da vida quotidiana... simples monoculos vermelhos.

Curiosidades

Durante o regimen monarchico o Brasil teve 243 senadores: 54 nomeados pelo 1.º Imperador, 7 pela regencia permanente, 12 pelo regente Diogo Antonio Feijó, 9 pelo regente Pedro de Araujo Lima (depois marquez de Olinda) e os restantes pelo 2.º Imperador.

O primeiro senador escolhido pelo 1.º Imperador foi Luiz Correia Teixeira de Bragança, pela provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul (22 de janeiro de 1826) — Não tomou posse. O ultimo foi o Conde de Lages (21 de fevereiro de 1829), eleito pelo Ceará.

A regencia permanente nomeou em primeiro lugar o padre José Martiniano de Alencar, pelo Ceará (10 de abril de 1832).

Teias d'aranha

Nada ha mais curioso, mais incomprehensivel, nem mais prodigioso, do que um fio de teia d'aranha. O corpo do animal tem quatro excrescencias com uma infinidade de buraquinhos imperceptiveis; por cada um d'elles sae um fio; esses fios, que são mais de 4.000, reúnem-se todos, e formam o fio delicado com que o insecto faz a teia.

Leumenhoch observou com o microscopio aranhas do tamanho d'um grão d'areia, das quaes sahiam fios tão finos, que eram necessarios 4.000 para egualar a grossura d'um cabello ordinario; ora, como cada um d'aquelles fios era já composto d'outros 4.000, segue-se que seriam necessarios 16 milhões de fios primitivos para formar um fio da grossura d'um cabello!!!

Produzem-nos vertigens semelhantes prodigios e tão illimitado poder da natureza!!!...

Os prazeres são virgulas que separam as nossas dôres.
E' preciso partir da bondade para chegar á justiça.
A alegria e o trabalho são duas coisas que se attraem reciprocamente.

ERNESTO RÉNAN.